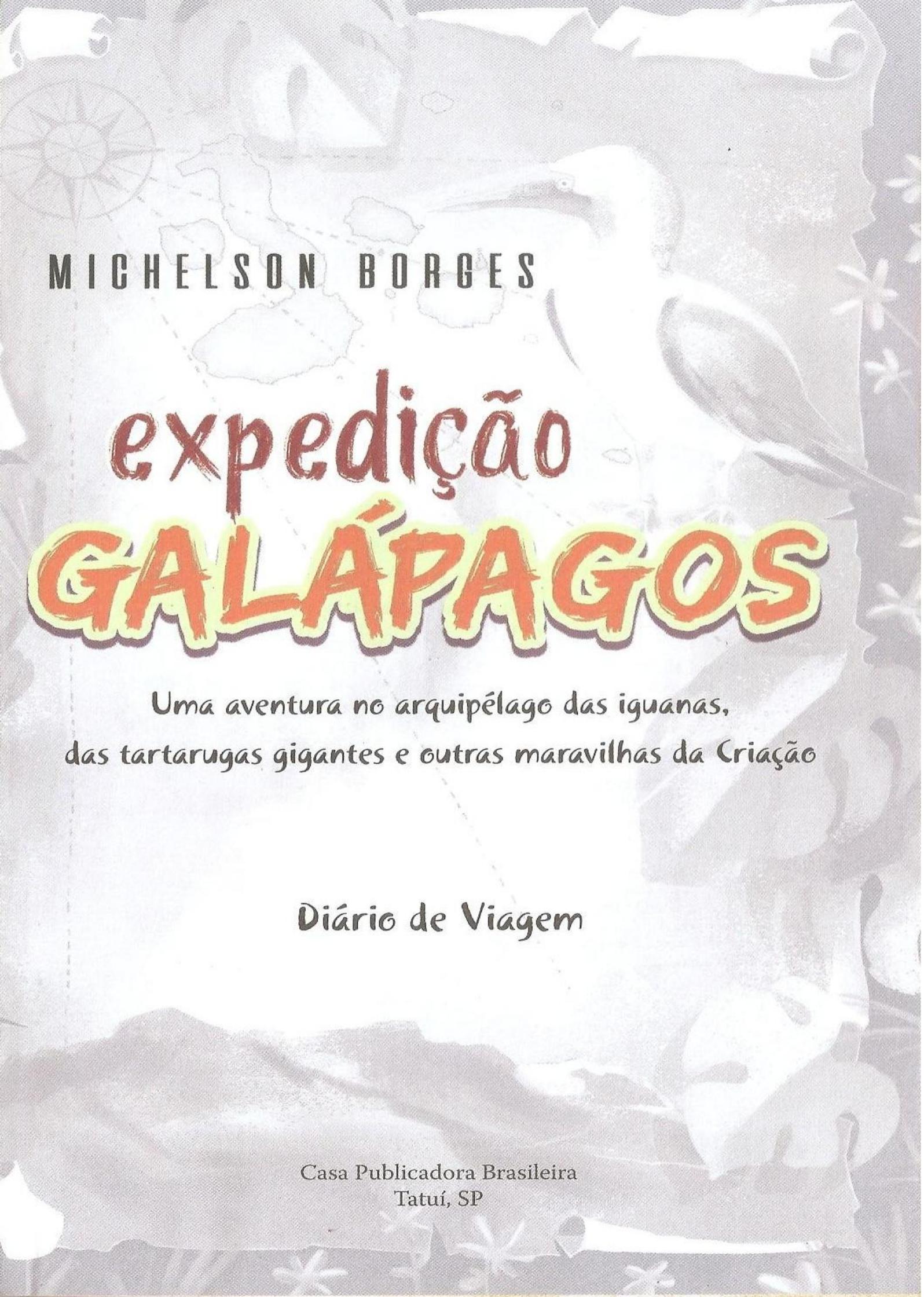


expedição
GALÁPAGOS

MICHELSON BORGES



MICHELSON BORGES

expedição
GALÁPAGOS

Uma aventura no arquipélago das iguanas,
das tartarugas gigantes e outras maravilhas da Criação

Diário de Viagem

Casa Publicadora Brasileira
Tatuí, SP

Direitos de publicação reservados à
CASA PUBLICADORA BRASILEIRA
Rodovia SP 127 – km 106
Caixa Postal 34 – 18270-000 – Tatuí, SP
Tel.: (15) 3205-8800 – Fax: (15) 3205-8900
Atendimento ao cliente: (15) 3205-8888
www.cpb.com.br

1ª edição: 4 mil
2018

Coordenação Editorial: Sueli Ferreira de Oliveira
Editoração: Sueli Ferreira de Oliveira e Ariane M. Oliveira
Revisão: Luciana Gruber
Diretor de Arte: Thiago Lobo
Projeto Gráfico: Cleber R. Marchini
Ilustrações Internas: Rogério Chimello
Capa: Thiago Lobo
Fotos: Michelson Borges

IMPRESSO NO BRASIL / *Printed in Brazil*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Borges, Michelson

Expedição Galápagos : uma aventura no arquipélago das iguanas, das tartarugas gigantes e outras maravilhas da criação / Michelson Borges. – Tatuí, SP : Casa Publicadora Brasileira, 2018.

ISBN 978-85-345-2592-3

1. Arquipélago - Ficção 2. Ficção juvenil
3. Galápagos - História - Ficção I. Título.

18-16193

CDD-028.5

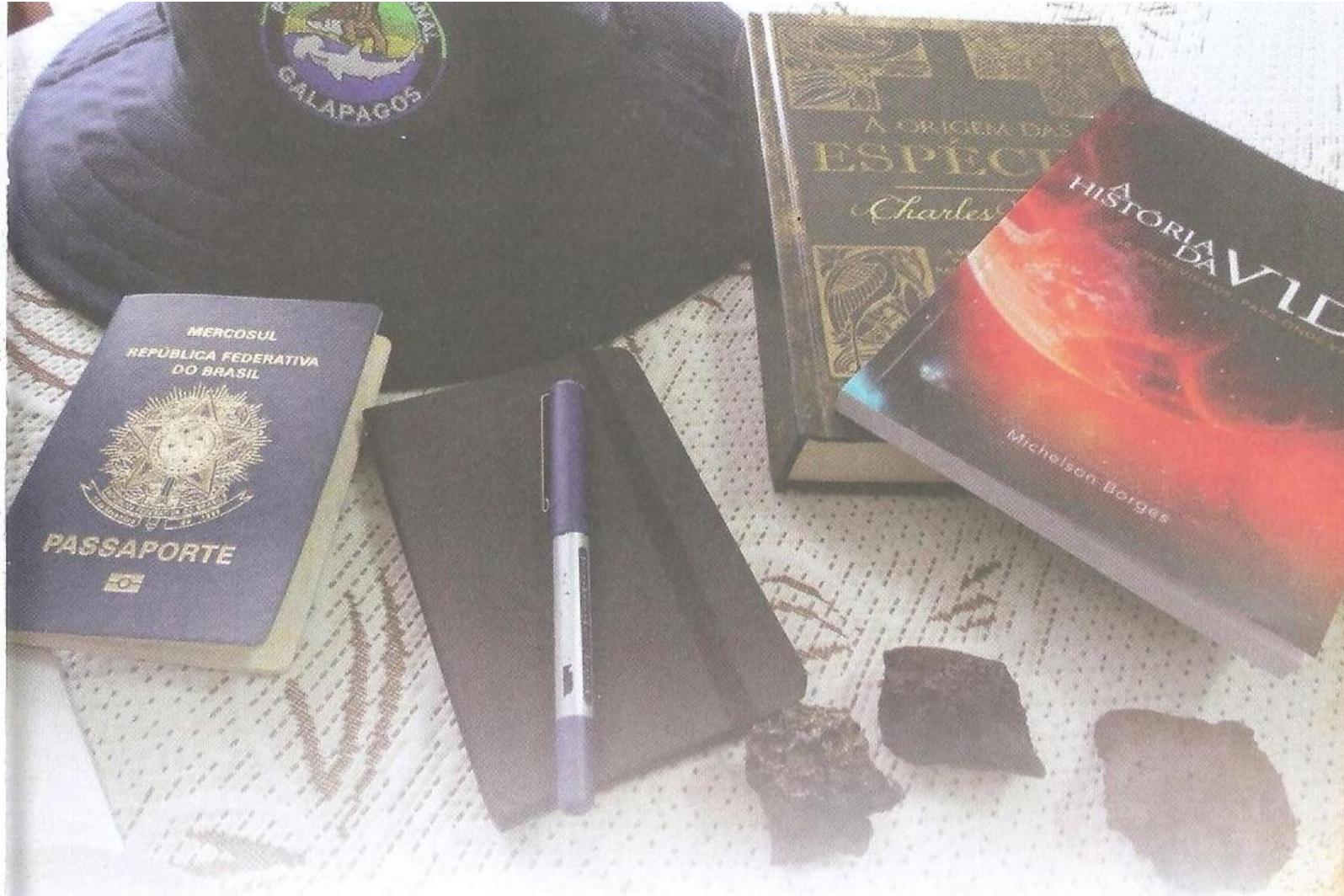
Índices para catálogo sistemático:

1. Galápagos : Expedições : Literatura juvenil 028.5
Iolanda Rodrigues Biode - Bibliotecária - CRB-8/10014



Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio, *sem prévia autorização escrita* do autor e da Editora.

Tipologia: Chaparral Pro Light Display, 12/14 – 16717/38675



SUMÁRIO

- PREPARATIVOS PARA A VIAGEM** 5
- VULCÃO SIERRA NEGRA** 14
- SEYMOUR NORTE** 21
- TORTUGA BAY E OS TÚNEIS DE LAVA** 29
- CHARLES DARWIN** 46
- ADEUS, GALÁPAGOS!** 57
- UM LIVRO ESCRITO A 11 MIL METROS DE ALTURA** 60

DIA

1

PREPARATIVOS PARA A VIAGEM



Olá! Você já se imaginou explorando um vulcão ou uma caverna formada por lava e mergulhando com tartarugas enormes e tubarões? Eu me imaginei, e não é que fiz tudo isso? Meu nome é Thiago. Meu pai gosta muito de geologia, biologia e paleontologia. Você sabe o que são essas coisas? Resumidamente, geólogos estudam as rochas, biólogos estudam a vida, e paleontólogos pesquisam fósseis de animais e plantas. Mais tarde, eu falo sobre fósseis, porque agora quero contar para você a aventura que vivi com meu pai.

Ele tinha um sonho antigo: visitar o arquipélago de Galápagos, localizado a mais de mil quilômetros da costa do Equador. Esse país não faz fronteira com o Brasil e fica do lado oeste da América do Sul, banhado pelo Oceano Pacífico. Mas o que tem de especial nas ilhas Galápagos? Você já vai descobrir.

Primeiro, meu pai e eu arrumamos nossas malas e mochilas, com a ajuda da mamãe, sempre muito cuidadosa. Estavam lá as botas para caminhadas, que devem ser resistentes e confortáveis – especialmente em algumas ilhas de Galápagos, como eu descobriria depois –, protetor solar, capa de chuva, chapéus, câmera fotográfica, bloco de anotações (afinal, eu queria anotar tudo para contar para você), cantil, itens de higiene, etc. O suficiente para os seis dias que ficaríamos lá. Dessa vez, mamãe não poderia ir conosco, mas papai garantiu que conversaríamos com ela todos os dias pelo celular.

Tudo pronto para a viagem, nos despedimos da mamãe com beijos e abraços. Gosto de ver o carinho com que

Preparativos para a viagem

meu pai a trata. Quando crescer, vou tratar minha esposa do mesmo jeito.

Voamos para Lima, no Peru, onde fizemos conexão para Quito, capital do Equador. De Quito, viajamos para o arquipélago – pouco mais de uma hora voando sobre o Pacífico.

Finalmente, da janela do avião, pude avistar os pedaços de rochas lá embaixo. Eram as ilhas do Arquipélago de Colón, mais conhecido como Galápagos. Nome interessante, não? Significa “sela”, em espanhol. Isso porque o formato do casco das tartarugas que vivem no local lembra um tipo de sela espanhola.

O arquipélago é formado por dezenas de ilhas. Quatro delas são habitadas por seres humanos, e a capital é San Cristóbal, com seis mil habitantes. A população geral é de aproximadamente 26 mil pessoas. A maior das ilhas é Isabela, mas a mais povoada é a de Santa Cruz, para onde meu pai e eu estávamos indo.

– Pai, por que esse lugar é tão especial para você?

– Sabe, filho, se eu tivesse vindo aqui há 20 anos, o significado dessa viagem seria outro. Eu certamente veria tudo de maneira diferente.

– Por quê?

– Porque a gente enxerga o mundo com os óculos que colocamos na frente dos olhos.

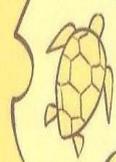
Meu pai gosta de usar metáforas, por isso eu sabia que ele não estava se referindo a óculos de verdade.





ARQUIPELAGO
de

GALÁPAGOS





EXPEDIÇÃO GALÁPAGOS

Olhei de novo pela janela do avião e fiz outra pergunta, sem tirar os olhos do mar e do chão que se aproximava:

- Como você enxerga tudo isso hoje, pai?
- Thiago, prefiro não responder a essa pergunta agora.

Vamos ver como os *seus* óculos funcionarão aqui.

O avião começou a descer e, antes de pousar, os comissários borrifaram um produto em nossas bagagens, a fim de eliminar possíveis agentes invasores no ambiente controlado das ilhas. Pude avistar os primeiros contornos da ilha de Baltra, onde fica o aeroporto. Desembarcamos do avião, e tive a impressão de estar em um deserto. Baltra é árida, pedregosa e praticamente desabitada. O terreno é seco, e há apenas plantas de deserto, como os cactos. Lembra muito o agreste brasileiro, segundo meu pai. Na verdade, todo o arquipélago é de origem vulcânica (depois vou explicar melhor isso), mas algumas ilhas são mais áridas e inóspitas do que outras. É o caso da pequena Baltra.

Saímos do aeroporto, tomamos um ônibus gratuito e fomos até o canal que dá acesso à ilha de Santa Cruz. Logo de cara, pude perceber como há muitos turistas por ali. Identifiquei pessoas falando inglês, espanhol e até alemão. O povo local é geralmente mais moreno, mais baixo e com fisionomia de traços indígenas, típica de certos países hispanos. Por isso, a estatura mais alta, a cor de pele e os cabelos mais claros quase sempre denunciam os gringos.

No canal, entramos em um pequeno barco a motor, para umas 20 pessoas, e fomos transportados para

Preparativos para a viagem

o outro lado, num percurso de uns 300 metros. Na ilha de Santa Cruz, tomamos um táxi. Lá se foram 14 dólares.

Ah, sim, a moeda oficial no Equador é o dólar americano.

Gastamos uns 40 minutos percorrendo uma rodovia bem asfaltada. À medida que nos aproximávamos de Puerto Ayora, o maior centro urbano de Galápagos, com pouco menos de 15 mil habitantes, percebi que a vegetação ficava diferente.



Avenida Charles Darwin, em Puerto Ayora





EXPEDIÇÃO GALÁPAGOS

O solo ainda era muito pedregoso, mas já havia árvores com folhas verdes, bananeiras, goiabeiras e pasto, onde pude ver algumas vacas.

Nosso hotel ficava em uma pequena rua perpendicular à avenida Charles Darwin. Ela tem lajotas vermelhas e amarelas, bem bonitinha, apinhada de lanchonetes, sorveterias, lojas de *souvenirs* (que certamente visitaríamos antes de ir embora) e muitos, muitos turistas.

Quando estávamos quase chegando ao endereço do hotel, avistamos, próximo ao que parecia ser uma peixaria a céu aberto, um leão-marinho tomando sol tranquilamente. Pedi a meu pai para desembarcarmos do carro ali mesmo e chegarmos mais perto do bicho. Quando me aproximei daquele animal cinza-amarelado, ele abriu os olhos e veio em minha direção. Era grande, bem gordo e não parecia bravo. Eu já conhecia as orientações dadas aos turistas para que não tocassem nos animais do arquipélago, então fiquei parado. O leão-marinho se aproximou um pouco mais e cheirou meus tênis. Olhou para mim com aqueles olhinhos negros e curiosos, e acredito ter visto um sorriso. Parecia um cachorrinho de estimação, de tão manso. E tinha até uma manchinha escura logo abaixo do olho direito. Talvez um sinal de nascença. Tirei algumas fotos com o celular e depois ele se afastou. Resolvi chamá-lo de Leo, mas não disse isso para ninguém.

Depois de caminharmos mais alguns metros, meu pai e eu chegamos ao hotel. Pegamos as chaves,

Preparativos para a viagem

entramos em nosso quarto, tomamos banho, enviamos uma mensagem para a mamãe, com uma *selfie* na janela do hotel, e nos preparamos para começar nossa “expedição Galápagos”.

Os cantis estavam cheios d’água, botas nos pés e câmera na mão. Tudo pronto. Nosso próximo destino era a ilha de Isabela. Foi lá que subimos a montanha e chegamos à segunda maior caldeira de vulcão do mundo. E foi fantástico!



Avenida Charles Darwin



VULCÃO SIERRA NEGRA



Vulcão Sierra Negra

Depois de uma longa viagem de duas horas a bordo de uma lancha que navega a quase cem quilômetros por hora, impulsionada por dois motores de 300 hp cada (depois você *googla* para saber o que é hp), chegamos à ilha de Isabela. Eu disse “longa” porque, apesar da vista linda, o balanço da lancha me deixou enjoado. Quase “chamei o Hugo”! (rsrsrs)

A ilha de Isabela, como eu já disse, é a maior do arquipélago e tem cinco vulcões inativos (ainda bem!). Para falar a verdade, eles soltam um pouco de lava e fumaça de vez em quando.

Como ficaríamos dois dias nessa ilha, meu pai tratou de reservar um quarto na pensão da Dona Margarida, uma simpática senhora nativa. A pensão era simples, mas a comida, muito boa! Só que eu quase “paguei um mico” ali. Quando fomos almoçar, não me dei conta de que havia pratos postos sobre a mesa, com comida e tudo. Peguei um prato vazio e fui até a cozinha para me servir. Ia colocando o arroz, quando meu pai fez “psiu” e apontou para o meu prato na mesa. Logo que me assentei, ele me explicou que faz parte da boa educação local o anfitrião, pelo menos nas hospedagens e nas casas, preparar o prato dos hóspedes e convidados. Essas diferenças culturais são muito interessantes! Sorridente, Dona Margarida passou por nós e disse: “*Provecho*”, que é como eles desejam “bom apetite”.

No dia seguinte, pela manhã, enchemos nossos cantis, passamos protetor solar, colocamos bonés





EXPEDIÇÃO GALÁPAGOS

e calçamos nossas botas de caminhada. Um pequeno caminhão com bancos de madeira na carroceria coberta e com as laterais abertas, que eles chamam de *chiva*, nos conduziu juntamente com um grupo de turistas até nosso destino, a 900 metros de altitude, no início da trilha (que eles chamam de *sendero*) que leva ao cume do vulcão Sierra Negra. Pude perceber, à medida que o caminhão subia pela estrada de terra, que a vegetação ficava mais exuberante e o clima, mais fresco e úmido.

Depois de uns 40 minutos, descemos do veículo e ganhamos lanches (sanduíche, suco de caixinha, uma banana, uma mexerica e um pacotinho de bolachas salgadas).

Começamos a subida que nos levaria a mais de mil metros acima do nível do mar. Cerca de dez quilômetros nos separavam do topo do Sierra Negra. Seria uma longa e divertida caminhada de algumas horas!

À medida que prosseguíamos, o guia, com bons conhecimentos de geologia e conhecedor da região como a palma da mão dele, nos explicava detalhes interessantes. Sierra Negra tem a segunda maior caldeira vulcânica do mundo, com 38 quilômetros de diâmetro. A cada dez anos, mais ou menos, ocorre um derrame de lava ali, mas isso nunca ofereceu riscos à população local. Quando o guia disse isso, fiquei mais tranquilo (apesar de que seria bem interessante ver rochas derretidas escoando de alguma fenda. Já pensou?).

Na subida para a caldeira, meu pai fez amizade com dois jornalistas norte-americanos muito simpáticos

de Montana, o Matthew e a Sara. Era a primeira vez que eles visitavam Galápagos, assim como meu pai e eu. Ah, os dois têm uma filha chamada Helena, de 13 anos. Cabelos loiros e olhos azuis brilhantes. O nome foi dado em “homenagem” à Helena de Troia, pois os pais gostam de História. A loirinha é muito inteligente e falante. A simpatia em pessoa. Ok... eu confesso: fiquei apaixonado.

Ainda bem que estudo inglês há um bom tempo, senão não poderia ter altos papos com Helena.

O guia me fez voltar à Terra quando apontou para baixo, à esquerda do caminho, e disse:

– Aí está a caldeira do vulcão Sierra Negra!

À medida que a névoa se dissipava, podíamos ver o contorno da caldeira, que alguns também chamam de cratera. É simplesmente gigantesca! Tem mais de dez quilômetros de um lado ao outro. Nesse momento, pude ouvir um *wow* dito por Helena. E que voz bonita a dela!

No passado, algum tipo de catástrofe gigantesca causou um derrame de lava de proporções descomunais. Fiquei imaginando os vulcões de Isabela e aquela caldeira ali na minha frente expelindo fogo, fumaça e pedras para todo lado! Deve ter sido um espetáculo terrível! O que quer que tenha acontecido foi responsável pela formação do arquipélago inteiro, todo ele de origem vulcânica.

Enquanto caminhávamos, o som que dominava o ambiente era o das nossas botas nas rochas escuras, de origem vulcânica. Abaixei-me e peguei um punhado delas.





Borda da caldeira do vulcão Sierra Negra

Eram bem leves, e algumas tinham pontinhos brilhantes. Perguntei ao guia o que era aquilo, e ele me explicou que as rochas são leves porque a lava que se solidificou estava cheia de gases, como bolhas, o que deixou as rochas parecidas com queijo suíço, cheias de furinhos. Os pontinhos brilhantes eram evidência da presença de óxido de molibdênio e de cobre, e óxido sulfuroso (anotei tudo para pesquisar depois).

Algumas rochas têm ferro, o que o guia comprovou aproximando delas um ímã. Várias pedrinhas “grudaram” nele.

Peguei três rochas maiores, empilhei-as

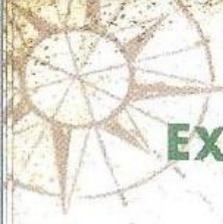
cuidadosamente e as ergui, fazendo cara de quem estava segurando um grande peso.

– Veja como sou forte, Helena!

Ela deu uma gargalhada gostosa. Mas fiquei na dúvida se tinha reagido assim mais por educação ou porque havia mesmo gostado da brincadeira, que depois me pareceu bem sem graça...

O cenário a nossa volta era surreal. Quando chegamos à parte mais alta da borda da caldeira, imaginei que estava sozinho no planeta Marte (bem, a Helena podia estar lá também...). O solo era totalmente formado por inúmeras pedrinhas (os geólogos preferem chamar de rochas) leves e escuras, e a caldeira lá embaixo aparentava um imenso deserto rochoso e árido. Em alguns lugares, dentro da caldeira e fora dela, além da borda, montanha abaixo, era perfeitamente possível ver a lava solidificada à medida que escorria, como sequências de “ondas” rochosas. Mais à direita do caminho, além das montanhas, era possível ver o Pacífico refletindo os raios solares, a única testemunha da catástrofe que ergueu o fundo oceânico, formando aquelas ilhas que agora enchiam nossos olhos com uma beleza ao mesmo tempo majestosa e assustadora.

Meu pai montou o tripé da câmera, posicionou o equipamento e gravou um vídeo no topo da borda da caldeira. Matthew e Sara se ofereceram para ajudar, e eu vibrei por dentro. Bendita ajuda! O guia começou a descida com o restante do grupo e pediu que não demorássemos



EXPEDIÇÃO GALÁPAGOS

muito ali, pois nossa lancha sairia às 14h30 rumo à ilha de Santa Cruz. O caminho é muito fácil de seguir. Não tem como se perder, e meu pai prometeu andar bem rápido e alcançar o grupo. Foi bom ficar ali com papai e aqueles norte-americanos legais!

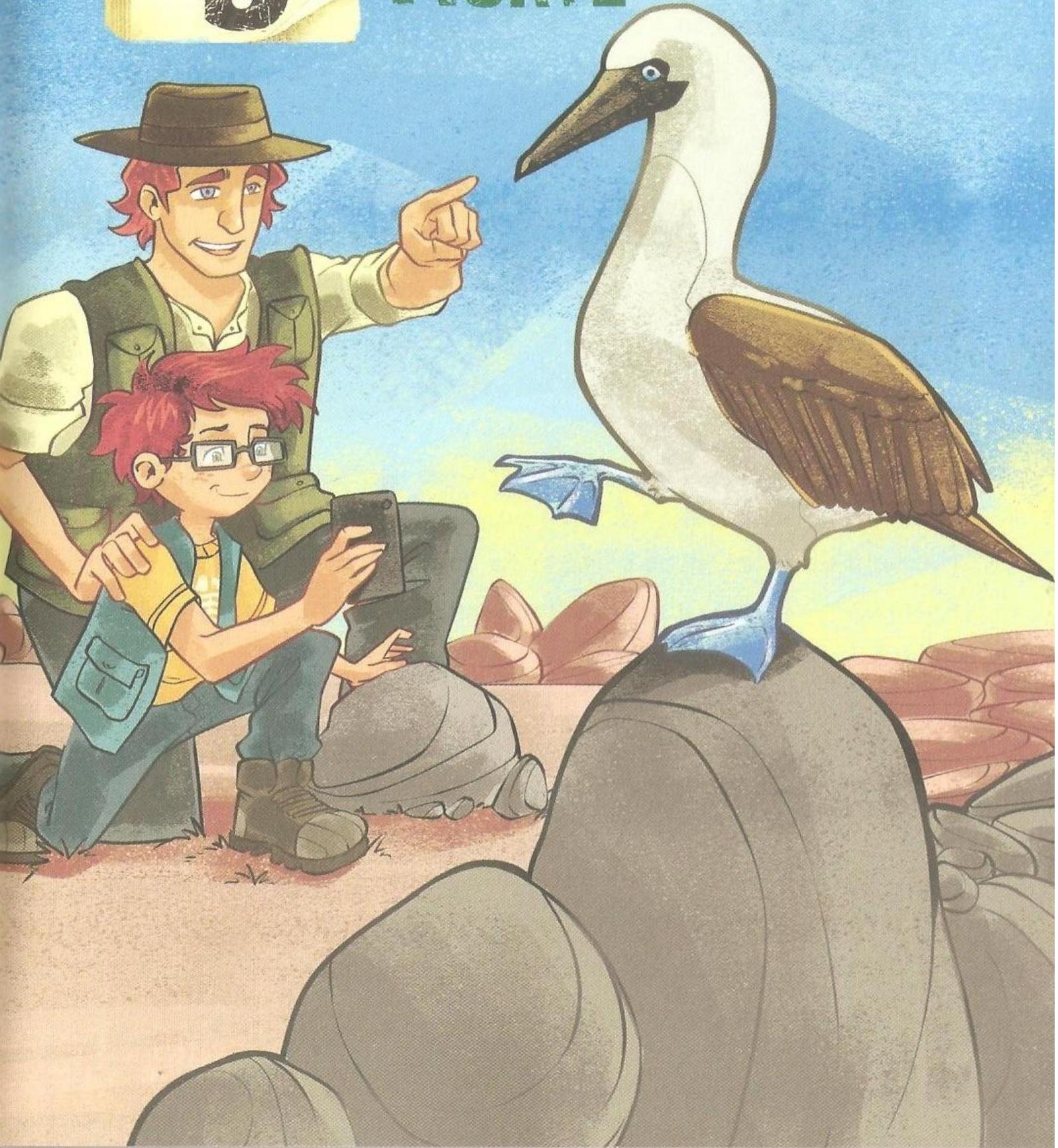
Quando nos demos conta, já havia passado meia hora. Tínhamos que correr, literalmente!

Recolhemos os equipamentos e saímos em disparada. Logo adiante, encontramos outro grupo que subia a montanha. Quando aqueles turistas nos viram correndo morro abaixo, arregalaram os olhos, assustados. Devem ter pensado que fugíamos de uma erupção. Olhei para Helena, e quase perdemos o fôlego de tanto rir.

Depois de algum tempo, cansados, mas satisfeitos, alcançamos nosso grupo e fomos para o barco, a fim de retornar à Santa Cruz. Infelizmente, Helena e seus pais estavam em outro barco. Esgotado, dormi encostado a meu pai. E sonhei com a americana de lindos olhos azuis.



SEYMOUR NORTE





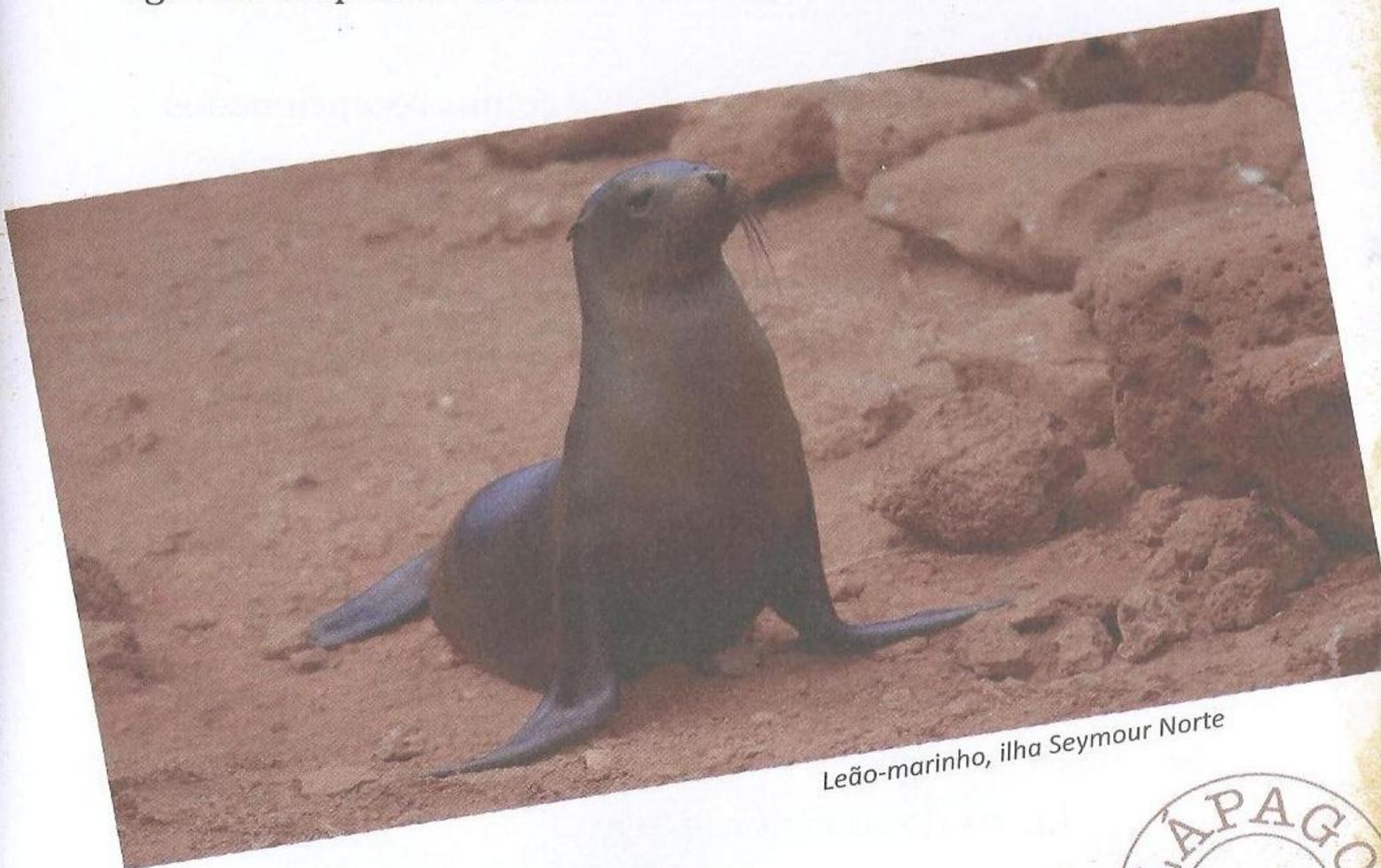
Iguana amarela, ilha Seymour Norte

Acordamos bem-dispostos no dia seguinte. Depois de comer pão integral com ovos mexidos e *patacones* (banana-da-terra verde cortada em rodelas, frita, amassada e levemente salgada), nos dirigimos ao pequeno cais próximo do hotel, onde pegaríamos o barco que nos levaria à ilha desabitada de Seymour Norte. Na verdade, ela tem habitantes bem interessantes, mas não humanos. Já conto como foi meu encontro com eles. Mas antes preciso falar que me encontrei de novo com o Leo. Desta vez, ele estava ali no cais, com outros leões-marinhos, que o povo do local chama de lobo-do-mar. Aliás, você conhece a diferença entre leão-marinho e foca?

Uma delas é que leões-marinhos têm pequenas orelhas e focas, não.

Mas legal mesmo é que esses leões não fogem da gente. Na verdade, nenhum bicho das ilhas tem medo do ser humano. Como eles são protegidos por lei e veem as pessoas todos os dias, convivem numa boa com os visitantes. Isso é muito legal e até me fez pensar na Nova Terra que Deus vai recriar após a volta de Jesus. A Bíblia diz que lá o leão vai pastar com o cordeiro. Já pensou? Em Galápagos, pude ter uma pequena amostra de como isso vai ser.

Os leões-marinhos que vi ali são muito preguiçosos. Eles gostam de dormir esparramados nos bancos e nas escadas do cais. Conforme aprendi depois, as fêmeas e os filhotes são bem mansinhos. Os machos, que são maiores, podem ser agressivos quando estão defendendo o bando.



Leão-marinho, ilha Seymour Norte



EXPEDIÇÃO GALÁPAGOS

Mas como eu sabia que era o Leo ali? Simples, ele se aproximou de mim novamente e cheirou meus pés. Quando ergueu a cabeça para me olhar, pude ver a mancha preta embaixo do olho direito. Era o Leo, sim! E ele devia ser um desses machos mansinhos, afinal, só faltava me lambe.

Embarcamos na lancha e fomos novamente para o mar. Mas, dessa vez, não enjoiei, pois fomos devagar, curtindo a vista. A distância entre Santa Cruz e Seymour Norte é de apenas dez quilômetros, mas naquela velocidade levamos cerca de 40 minutos. Pude ver duas ilhas chamadas Daphne, uma maior do que a outra. A maior tem formato de uma caldeira vulcânica. À nossa direita, estava a ilha desértica de Baltra, onde fica o aeroporto por onde alcançamos o arquipélago.

Chegando à ilha de Seymour Norte, fomos recepcionados por uma quantidade enorme de aves: gaivotas, cormorões, pelicanos, fragatas e atobás. Os mais impressionantes, para mim, são os atobás ou patolas-de-pés-azuis. Eles têm as patas de um azul intenso. Parece que foram mesmo pintadas. A cor contrasta com a plumagem branca e cinza. Entre as fragatas, os machos têm um papo vermelho vivo, que infla parecendo um balão. E fazem isso para atrair as fêmeas. Quando formam uma família, essa bolsa murcha.

Meu pai olhou para mim e disse, em tom de brincadeira:
– Alguns homens fazem algo parecido: quando se casam, descuidam da aparência, ficam barrigudos e feios.

Rimos do comentário dele.

Seymour Norte



Potola-de-pé-azul



Fragatas de papo vermelho



EXPEDIÇÃO GALÁPAGOS

Os guias insistem que devemos manter uma distância de dois metros dos animais, porque, se quisermos, podemos quase tocar neles, de tão mansos. Mas não devemos fazer isso. Sabe por quê? Porque os pais identificam os filhotes pelo cheiro; se os tocarmos, podemos confundir as aves com nossos odores humanos misturados com perfume, creme, protetor solar, etc.

Foi em Seymour Norte que vi também pela primeira vez a iguana amarela. O guia explicou que há no arquipélago três tipos de iguana: a amarela, a rosa e a marinha (preta). Esta última só existe em Galápagos. E ela come algas.

Enquanto caminhávamos pela trilha poeirenta, margeada por cactos e árvores secas (muitas das quais florescem quando chove), nos deparamos com uma carcaça de leão-marinho parcialmente decomposta. O guia disse que o animal havia morrido fazia poucos meses. Meu pai aproveitou a oportunidade para me explicar o processo de fossilização. Ele apontou para a carcaça e me disse que, quando um ser vivo morre, em pouco tempo o cadáver é devorado ou apodrece. Então, como explicar a abundância de fósseis em todo o planeta, em praticamente todos os continentes? Bem, para que um corpo seja fossilizado, ele tem que ser rapidamente coberto por lama. Assim, com o passar do tempo, aquilo que era orgânico, como os músculos e os ossos, mineraliza e se transforma em pedra.

Para explicar a enorme quantidade de fósseis, muitos deles de dinossauros gigantesco, é preciso pensar

em um cenário catastrófico envolvendo muita água e lama. Como os dinossauros se tornaram extintos na mesma época, não teria sido essa catástrofe o dilúvio descrito na Bíblia? Meu pai crê que sim. E ele acredita também que a própria formação das ilhas Galápagos e outras tenha relação com o mesmo evento, ou talvez em decorrência dele, afinal, tanto a fossilização quanto o vulcanismo de grande magnitude não estão ocorrendo em nosso tempo.

Na volta para Santa Cruz, o barco ancorou perto de uma pequena praia de areia branca na ilha de Baltra. Pegamos pés-de-pato de borracha e *snorkels*, subimos em um bote inflável e fomos até a praia. Ali, participamos de uma das atividades mais legais da expedição: nadamos com os peixes!

Coloquei meu equipamento e comecei a flutuar. Ainda bem que havia feito aulas de natação! À medida que me afastava com meu pai da beirada, pudemos ver peixes de várias cores, cardumes inteiros e até alguns pequenos tubarões. O guia explicou que eles não representam perigo, pois têm alimento em abundância. Em alguns momentos, meu pai retirou o cano do *snorkel* da boca, prendeu o fôlego e mergulhou entre os cardumes. Impressionante! Ele quase podia tocar os peixes que lhe davam passagem! Pude ver até alguns peixes virar um pouco o corpo para olhar para nós, tão curiosos com a nossa presença quanto nós com a deles.

Continuamos nadando tranquilamente, observando tudo o que podíamos naquelas águas transparentes, até que ela apareceu bem debaixo da gente. Uma enorme,



EXPEDIÇÃO GALÁPAGOS

gigantesca tartaruga-marinha! Linda! Nadando lentamente e com elegância, movendo habilmente suas grandes nadadeiras. Meu pai mergulhou e até conseguiu se aproximar bastante dela. Acompanhamos o réptil por alguns minutos até que ele se afastou de nós.

Foi um passeio formidável! Guardei tudo na memória para contar para a mamãe. Como são lindos os seres criados por Deus! Quantas cores e formas! Quanto “esbanjamento” de beleza! Pensando em beleza, lembrei-me do papo vermelho da fragata macho e em como ele o enche de ar para impressionar as fêmeas. Será que eu encontraria a Helena de novo? E se a encontrasse, o que faria para que ela olhasse para mim?

Voltei ao hotel com esse pensamento na cabeça e rindo de mim mesmo, “o Sr. Fragata”.



DIA
4

TORTUGA BAY E OS TÚNEIS DE LAVA





EXPEDIÇÃO GALÁPAGOS

Nosso destino, no dia seguinte, era a famosa praia de areias brancas, Tortuga Bay, mas antes dei uma passadinha lá na peixaria a céu aberto para dar um olá para meu amigo Leo. Quando não estava nadando no cais, ele ficava ali à espera de um peixinho. Com o barrigão esparramado no chão, meu amigo descansava perto dos homens que vendiam peixes. A barriga dele parecia maior do que a dos outros leões-marinhos. “Leo deve ser meio guloso”, pensei, e voltei para perto do meu pai.

Depois de caminhar quase uma hora por uma bela trilha de pedras por entre a floresta onde pude ver muitos pequenos lagartos e tentilhões (ainda não falei dessas aves, eu sei!), chegamos à praia. Tiramos os tênis e pudemos sentir a areia fofa afundando sob os pés. Caminhamos algumas centenas de metros até chegar a uma área cheia de rochas vulcânicas (pra variar) e plantas de um verde vivo.

Foi ali que vi as maiores iguanas pretas, e mais: vi iguanas surfando nas ondas! Havia várias delas espalhadas na areia. Lembrei-me da explicação do guia em Seymour Norte, de que esses répteis se aquecem ao sol e à noite, para manter a temperatura corporal, dormem juntos, aos montes. Isso que é família unida!

Meu pai percebeu que ao longo da praia havia uns tipos de cabideiros para os turistas colocarem roupas e chapéus quando se aventuram nas águas geralmente geladas do Pacífico, e então brincou comigo:

Tortuga Bay e os túneis de lava

– Filho, observe aquelas árvores. Elas têm galhos retos e bem cilíndricos. Ali perto há árvores com troncos um pouco mais grossos. Ao longo de milhões de anos, esses troncos secaram e, por algum motivo, ficaram em pé. Depois, os galhos perderam as folhas, secaram e, por algum processo desconhecido, se conectaram aos troncos. Após milhões de anos e da ação de processos naturais, esses cabideiros apareceram aí.

– Pai, isso é impossível! – falei.

E ele prosseguiu:

– Agora observe essas iguanas. Elas têm músculos, que são verdadeiras máquinas; têm olhos que superam nossas câmeras em complexidade e eficácia; têm bilhões, talvez trilhões de células, que são verdadeiras fábricas de energia dotadas de milhares de máquinas moleculares, cada uma. E têm muito mais mecanismos de complexidade fabulosa, que tinham que funcionar bem desde o início, senão a iguana não sobreviveria. As pessoas não acreditariam se eu dissesse que o cabideiro simplesmente surgiu aí, mas alguns acreditam que a iguana, sim, teria surgido.

Papai me disse que se trata de uma comparação bem simplista, mas que ajuda a ilustrar a teoria da evolução, defendida por Charles Darwin em seu livro *A Origem das Espécies*, publicado em 1859.

Darwin era um jovem inglês de 22 anos, quando visitou Galápagos. Ele esteve em quatro ilhas; entre elas, a de Isabela, onde havíamos estado dois dias antes.



EXPEDIÇÃO GALÁPAGOS



Cabideiros como os da foto acima jamais poderiam surgir por causas naturais. E as iguanas?

Tortuga Bay e os túneis de lava

Como o inglês havia crescido em uma família de céticos (os dois avôs e o pai tinham sérias dúvidas sobre Deus e a Bíblia) e conhecido pessoas descrentes e evolucionistas na faculdade, isso acabou influenciando sua maneira de ver o mundo. Quando embarcou no H.M.S. Beagle, em 1831, em uma viagem que durou cinco anos, Darwin levou consigo, entre outros livros, o *Princípios de Geologia*, de Charles Lyell. Nesse livro, Lyell apresenta a ideia conhecida como “uniformitarianismo”, ou seja, os processos e eventos geológicos do passado ocorreram ao longo de milhões de anos exatamente como acontecem no presente, tanto que essa ideia pode ser resumida na frase: “O presente é a chave do passado.”

Com a crença de que a Terra teria milhões ou até bilhões de anos e de que os animais sofreriam grandes modificações ao longo do tempo (evolução), digamos que Darwin “viu” o que queria ver quando estudou a fauna e a flora de Galápagos.

Quando percebi que meu pai não parava de fotografar os passarinhos chamados tentilhões, conhecidos no local como *pinzons*, perguntei-lhe o porquê, e ele me respondeu:

– Os seguidores de Darwin, até mais do que ele, observaram que existem variações entre os tentilhões, especialmente de uma ilha para a outra. Mas são variações mínimas, como cor das penas, formato do bico e tamanho. Continuam sendo todos tentilhões. Só que, como eles pensam em milhões de anos, supõem que, se passar



EXPEDIÇÃO GALÁPAGOS



Tentilhões de Galápagos: variação limitada

esse montão de tempo, os tentilhões terão mudado tanto que se tornarão outro tipo de ave totalmente diferente.

– Então isso é o que chamam de “evolução”, pai?

– O correto seria chamar isso de macroevolução, o que é mera hipótese, porque não acontece. O que acontece são apenas adaptações e mudanças limitadas. Lembra do que lhe expliquei sobre os fósseis?

– Sim, pai.

– Pois então! Se a macroevolução fosse um fato,

Tortuga Bay e os túneis de lava

deveríamos ver várias espécies de transição, mas não é isso o que vemos. Há ali animais perfeitamente formados, e é fácil classificá-los como peixes, répteis, aves, mamíferos... Além disso, eles já “aparecem” no registro fóssil perfeitamente formados, com toda a complexidade que os caracteriza.

Voltamos pelo caminho das pedras, com as câmeras repletas de fotos de iguanas-marinhas e tentilhões. Almoçamos em um pequeno restaurante na Avenida Charles Darwin. Dessa vez, optamos por saborear uma sopa de legumes seguida de arroz com *papas* (batatas), repolho, cenoura e quinoa. Como não usam panela de pressão, feijão cozido só é servido depois das 14 horas. Fica cozinhando a manhã inteira. Bebi um delicioso suco de coco, e meu pai, um de amora.

Depois do almoço, tomamos um táxi (lá os táxis são caminhonetes brancas) e pagamos dez dólares para ir até o próximo ponto turístico: os *gemelos* e a fazenda das tartarugas. Os motoristas nos acompanharam no passeio e nos levaram de volta ao hotel; por isso, cobraram mais por essa viagem. Mas valeu a pena cada centavo do meu pai! Esse foi o passeio mais especial de todos, ao menos para mim. Quer saber por quê? Venha comigo!

Primeiramente, visitamos duas enormes “crateras” de cerca de cem metros de profundidade, chamadas *gemelos*, ou seja, os gêmeos, um de cada lado da rodovia. Segundo as placas com informações, o terreno todo foi afundado com a atividade vulcânica. Uma vista realmente impressionante!





"Cratera" formada pelo afundamento do terreno

Dali fomos de carro para o segundo ponto turístico: uma caverna de lava solidificada. Quando chegamos lá, descemos por uma escada escavada na rocha, apoiados em corrimãos de madeira. A caverna é iluminada por lâmpadas em todo o percurso de 400 metros. De repente, uma galeria de uns dez metros de diâmetro se abriu diante de nossos olhos. Fantástico!

Meu pai explicou que, quando a rocha mais superficial esfria, mais abaixo o fluxo de lava aquecida prossegue

Tortuga Bay e os túneis de lava

em seu caminho, deixando um túnel logo atrás. Dava até para ver as marcas nas paredes da galeria!

Mais ou menos na metade do túnel, as paredes se estreitaram de tal maneira que a passagem se limitou a uma abertura com menos de um metro de altura. Para passar por ali, a gente tinha que rastejar por baixo da rocha.

Papai foi na frente para me mostrar como fazer e, quando eu já ia me abaixar para segui-lo, ouvi uma voz familiar. Olhei para trás e quem estava ali? Acertou! A Helena. Ela sorria para mim e me perguntou:

– *Could you help me?*

Se eu podia ajudar? Se eu podia ajudar?! Mas claro que sim! Pode contar sempre comigo, garota!

Estendi-lhe a mão e ela retribuiu o gesto. Senti um frio na barriga e acho que minha mão começou a suar. Mas eu precisava manter a calma; afinal, tinha a missão de conduzir aquela menina linda por uma perigosíssima caverna. Menos, Thiago, menos...

Abaixei-me enquanto segurava a mão macia dela e disse para tomar cuidado com a cabeça. Ela passou, eu passei em seguida, e dali para a frente o passeio que estava ótimo ficou maravilhoso!

Tiramos muitas fotos do lugar e saímos do túnel por uma escada semelhante àquela da abertura no início. Lá em cima, nossos táxis esperavam para nos levar ao terceiro e último ponto turístico da tarde: a fazenda das tartarugas gigantes, ou *tortugas*, como dizem os falantes de espanhol.





Túnel formado pelo escoamento de lava aquecida

Rodamos uns cinco minutos e chegamos ao local. Descemos do carro, cruzamos a entrada da fazenda e então as avistamos: as famosas tartarugas de Galápagos. O casco delas realmente parece com a sela de cavalos, as *galápagos*.

Helena e eu conversávamos animadamente, e nossos pais também. As tartarugas eram impressionantes, de fato. Algumas chegavam a meio metro de altura e mais de um metro e meio de comprimento. E vivem por tanto tempo! Podem passar dos 150 anos. Ficam ali tranquilas, comendo pasto e goiabas que caem das muitas

Tortuga Bay e os túneis de lava

goiabeiras que há na fazenda, trazidas ao arquipélago por navegadores.

Helena apanhou duas goiabas e me deu uma.

– Gosto de *guavas*! Como se diz *guava* em português?

– Goiaba – respondi, dando uma mordida na fruta.

– Goi-a-ba – ela disse, pausadamente.

Chegamos a um pequeno quiosque, onde há dois cascos enormes de tartarugas, nos quais os turistas entram para tirar fotos. Ali também estão alguns ossos dos grandes répteis e quadros com informações sobre eles. Ficamos sentados em bancos de concreto para descansar um pouco.

– Você acha que esses animais e todos os outros que vimos aqui nas ilhas foram criados por Deus ou evoluíram naturalmente, como propôs Darwin?

A pergunta direta de Helena me pegou de surpresa. Naquele momento, lembrei-me imediatamente de duas coisas: o texto bíblico de 1 Pedro 3:15, em que o apóstolo diz que devemos estar sempre prontos para dar a razão da nossa esperança, e daquela conversa que tive com meu pai sobre os óculos conceituais que usamos para ver o mundo. Acho que meus “óculos” estavam prestes a ser testados...

– Meu pai se diz agnóstico. Ele não tem certeza se existe mesmo Deus. Para ele, o Universo *surgiu* de uma explosão, e a vida *apareceu* em algum momento.

– Sabe, Helena, meu pai já foi descrente. Quando era jovem, ele resolveu colocar à prova tudo em que acreditava, ou melhor, em que não acreditava.

Ele me disse que, quando leu os livros de um escritor chamado Chesterton, se sentiu desafiado. O autor escreveu que muita gente que se diz cética não é cética de verdade.

– Por quê?

– Porque não é cética em relação ao ceticismo.

O verdadeiro cético deve colocar tudo à prova, inclusive seu ceticismo. E se ele estiver errado? E se Deus realmente existir? Se Ele não existir, quem crê Nele não terá perdido muita coisa. Agora, se Ele existir, os que O rejeitam terão perdido tudo!

– Você acha realmente que, se Deus não existir, as pessoas que creram Nele não terão perdido nada?

– Veja bem, as pessoas que creem em Deus geralmente têm mais saúde e vivem mais tranquilas. E isso é comprovado por pesquisas científicas. Meu pai diz que, se a existência de Deus for um sonho, já terá valido a pena sonhar. A vida com Deus é muito melhor, ele me diz. E eu experimento isso em minha própria vida. Além disso, Deus nos promete na Bíblia que um dia viveremos para sempre com Ele. Ainda que as chances disso ser real sejam de 50%, você não acha que é mais seguro “apostar todas as fichas” nessa possibilidade do que nos outros 50%?

Helena coçou o queixo e balançou a cabeça afirmativamente. Depois disse:

– Você mencionou a Bíblia. Depois quero voltar a esse assunto. Mas, primeiro, diga-me por que você acredita que Deus existe. Mas sem citar a Bíblia.

Tortuga Bay e os túneis de lava

A coisa estava ficando séria! Meu pai não estava ali para me socorrer. Era por minha conta. Fiz uma rápida oração em pensamento, pedindo ajuda ao Pai do Céu (que sempre está por perto), e continuei:

– Existem várias maneiras de argumentar em defesa da existência de Deus. Uma delas é a própria existência do Universo. Você já se perguntou por que tudo isto existe? – aponte para as árvores, para as tartarugas e para o céu. – Os cientistas de modo geral parecem concordar que o Universo teve um começo. E tudo o que tem começo tem que ter uma causa. Essa causa tem que ser todo-poderosa para, a partir do nada, ter criado o vasto Universo. Você concorda?

Helena mastigava um pedaço de goiaba; a expressão do rosto indicava que ela também estava tentando digerir as informações que eu estava lhe passando. Prossegui:

– Essa primeira causa não causada, além de todo-poderosa, tem que ser muito inteligente; afinal, ela criou um Universo que, além de muito grande, funciona com leis finamente ajustadas. Eu já li a respeito disso. As leis que mantêm a realidade são tão precisas, tiveram um ajuste tão fino, que, se fossem alteradas só um pouquinho, tudo poderia deixar de existir. Então, algo ou alguém teve que regular essas forças lá no início para que a vida pudesse existir e se manter. É como se o Universo soubesse que chegaríamos para morar nele.

– Interessante, Thiago! Nunca tinha pensado nessas coisas...





EXPEDIÇÃO GALÁPAGOS

– Outro argumento interessante é o do *design* inteligente. Não é novidade, pois o apóstolo Paulo já falava disso no tempo dele, com outras palavras. Está lá em Romanos 1. Podemos resumir o argumento da seguinte forma: tudo o que tem um projeto tem um projetista. A vida tem um projeto. A vida tem um projetista.

– Mas a vida revela mesmo um projeto?

Helena parecia realmente interessada na conversa. Estaria também interessada em mim? Deixei esse pensamento de lado por um momento. Precisava me concentrar no assunto:

– E como revela, Helena! Pense, por exemplo, no sonar dos golfinhos e dos morcegos; no GPS das formigas; no DNA; na maneira elaborada como funcionam nossas células. O ser humano tem tentado copiar todas essas coisas e precisa usar muita inteligência, tempo e dinheiro para fazer isso. E o que dizer das “invenções” originais que a gente copia? Surgiram por acaso? A cópia foi projetada, o original, não?

Dei uma mordida na minha goiaba e esperei alguns instantes para que ela pensasse um pouco no que eu havia dito. Depois olhei nos olhos dela e disse:

– Sabia que Darwin escreveu a um amigo que pensar no olho o fazia ter calafrios?

A verdade é que eu também estava me sentindo assim, ao ter meu olhar correspondido pelo dela. Como eram lindos aqueles olhos azuis brilhantes!

– Como não ficar maravilhado com coisas tão lindas quanto os seus olhos... digo, quanto os olhos humanos?

Tortuga Bay e os túneis de lava

Escapuliu! Tenho certeza de que fiquei vermelho na hora, pois ela achou graça da situação. E eu tentei me salvar do embaraço continuando a explicação:

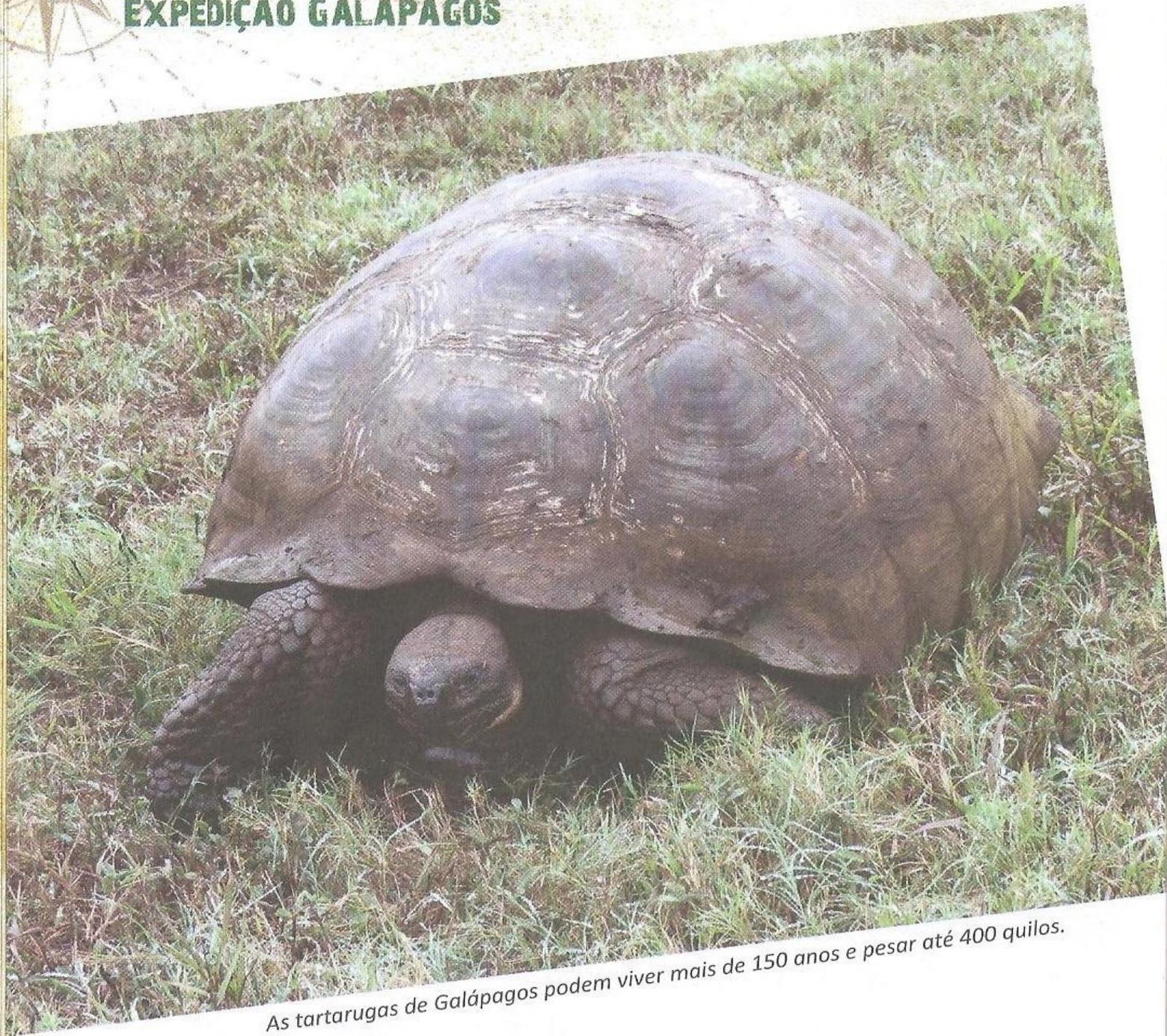
– Órgãos como os olhos dependem de mecanismos superelaborados para funcionar. Além disso, é preciso que no cérebro também existam neurônios especializados em decodificar as informações que chegam através do nervo óptico. Acreditar que tudo isso seja fruto de mutações ao acaso e seleção natural é ter muita fé. Na verdade, é preciso ter mais fé para crer na teoria da evolução do que no criacionismo.

– Thiago, Helena, vamos embora? Os guias já estão nos esperando – chamou papai.

– Você é muito inteligente, Thiago. E gostei da sua sinceridade e da forma como defende sua fé no Criador. Pode ter certeza de que vou pensar muito em tudo o que me falou. E espero que a gente possa conversar mais antes do fim desta viagem. Você me deve uma explicação sobre a Bíblia. Tenho algumas dúvidas sobre isso.

No caminho de volta até o local em que estavam os táxis, Helena pediu que eu tirasse uma foto dela ao lado de uma das tartarugas. Os guias orientam os turistas a manter a distância de dois metros dos bichos. Impressiona ver o cuidado com que as plantas e os animais são tratados em Galápagos. Como muitas das espécies são endêmicas (acabei de aprender essa palavra!), isto é, só existem ali, os habitantes do arquipélago têm consciência de que devem preservá-las, do contrário, podem se extinguir.





As tartarugas de Galápagos podem viver mais de 150 anos e pesar até 400 quilos.

Tiramos mais algumas fotos e meu pai, percebendo que Helena e eu havíamos nos dado bem, convidou a família norte-americana para jantarmos juntos. Eles aceitaram prontamente. Falei para Helena que eu tinha um amigo chamado Leo e que queria muito apresentá-lo para ela.

Helena quis saber quem é e de onde tinha vindo, mas preferi fazer surpresa.

Tortuga Bay e os túneis de lava

Voltamos para Puerto Ayora e decidimos ir a uma pizzaria. Meu pai pediu uma vegetariana para ele e para mim, e um suco de *naranjillo* para ele, que mais parece um *milk-shake* feito com a fruta, cujo sabor lembra o de maracujá misturado com laranja.

Helena e eu conversamos bastante naquela noite, trocamos números de WhatsApp e e-mails, e uma ponta de tristeza me atingiu ao lembrar que meu pai e eu voltaríamos para casa dois dias depois.



Casco de tartaruga em exibição na fazenda das tartarugas



CHARLES DARWIN



Digite este link em seu navegador e assista a um pequeno documentário sobre Charles Darwin: <https://goo.gl/ZX1X5v>

Antes de irmos embora no dia seguinte, não poderíamos deixar de visitar a Estação Científica Charles Darwin. Mas, primeiro, resolvi dar um alô para meu amigo Leo. Fui à peixaria, procurei em cada canto, em cada degrau das escadas que dão na praia logo abaixo e dei uma olhada na areia. Nada. Corri até o cais e também não encontrei o Leo. Achei estranho, porque ele sempre estava em um desses lugares. Por ser muito gordo, ele não parecia gostar de andar e nadar por aí. Além do mais, sempre ganhava algum peixe ali na peixaria. Por que teria desaparecido? Aonde teria ido?

Preocupado, enviei uma mensagem para a Helena dizendo que talvez não fosse possível apresentar-lhe o Leo, porque ele havia sumido. Meu pai me disse que ele poderia ter ido pescar ou algo assim. Em seguida, saímos para comprar lembrancinhas para a mamãe, os parentes e os amigos. Para ela, papai comprou uma linda bolsa com animais de Galápagos bordados e uma saída de praia colorida. Eu comprei uma tartaruga de pelúcia para a Helena. Compramos mais algumas coisinhas no comércio formado por lanchonetes e inúmeras lojinhas dispostas ao longo da Avenida Charles Darwin.

Almoçamos e fomos para a estação. Lamentei a família de Helena já ter conhecido o lugar e decidido ir à ilha Seymour Norte em vez de ficar conosco.

Papai e eu caminhamos pela avenida, passamos por uma escola adventista, um incontável número

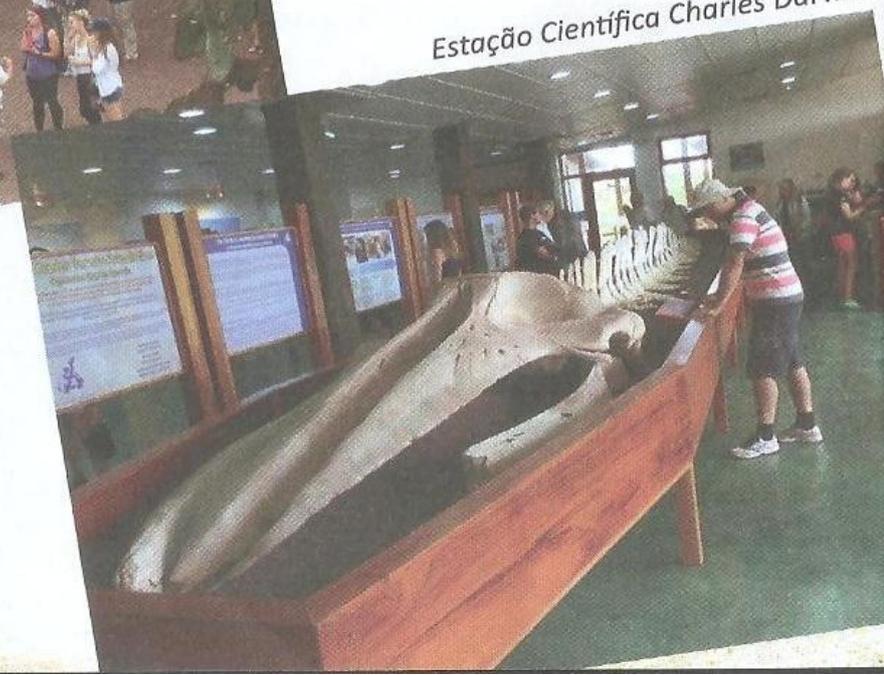


EXPEDIÇÃO GALÁPAGOS

de lojinhas e lanchonetes e seguimos em frente. Uns três ou quatro quilômetros depois, avistamos a estação. Um lugar simples, com algumas casas de madeira e outras de alvenaria. O propósito da estação, mantida pela Fundação Charles Darwin, é estimular a conservação da fauna e da flora das ilhas e promover também a educação ambiental. Criada em 1959, juntamente com o Parque Nacional Galápagos, a fundação é financiada por capital privado de doadores de várias partes do mundo. Fica ali um berçário onde centenas de tartarugas bebês são criadas para, depois, serem libertadas na natureza. É impressionante imaginar que uma tartaruguinha que cabe na palma da mão vai crescer até ficar com mais de 200 quilos!



Estação Científica Charles Darwin



Ali na estação, meu pai me explicou que a grande contribuição de Darwin foi propor um mecanismo para a evolução: a seleção natural. E me disse também que isso é fato. Algo parecido acontece com os cães, por exemplo. Por meio de cruzamentos, é possível obter novas raças, de modo que hoje existem várias. Mas são todos cães. Isso acontece na natureza. As espécies se modificam, se adaptam, mas mudam dentro de certos limites. Por isso, como diz meu pai, o livro de Darwin “promete, mas não entrega”, pois tem a palavra “origem” no título, mas não fala da origem das espécies. Fala apenas da diversificação de espécies que já existem.

Darwin chegou a colocar sua teoria em cheque com estas palavras: “Se pudesse ser demonstrada a existência de qualquer órgão complexo que não pudesse ter sido formado por numerosas, sucessivas e ligeiras modificações, minha teoria desmoronaria por completo.”

Alguns cientistas aceitaram o desafio. Um deles se chama Michael Behe, bioquímico das Universidade LeHigh. Ele é o autor do livro *A Caixa Preta de Darwin*, que meu pai tem na biblioteca dele. O conteúdo é bastante complicado, mas tem algo que entendi bem: a comparação entre o que Behe chama de sistemas de complexidade irreduzível com a ratoeira. Se falta apenas uma parte na ratoeira, como a mola ou a trava, por exemplo, ela não serve para nada. Se a complexidade dela for reduzida, não funciona. Portanto, a ratoeira é um sistema de complexidade que não se pode reduzir.





EXPEDIÇÃO GALÁPAGOS

Meu pai me explicou que o corpo humano tem inúmeros sistemas desses. As células, por exemplo, conforme eu disse para a Helena, contam com milhares de “minirobôs”, ou máquinas moleculares responsáveis por transportar partes da célula para o lugar certo dentro dela. Fico impressionado só de pensar que neste exato momento trilhões de robosinhos estão trabalhando para me manter vivo.

Mas tem mais!

A girafa conta com pequenas válvulas dispostas ao longo do pescoço. Quando ela abaixa a cabeça para beber água, essas válvulas regulam a pressão do sangue que chega ao cérebro, evitando que ela tenha um AVC. E são essas mesmas válvulas que impedem o sangue de descer muito rápido, quando a girafa ergue a cabeça. Assim ela não desmaia por falta de oxigênio no cérebro.

Outra pergunta intrigante que tem a ver com isso é: Por que o corpo da mãe não rejeita o feto? Era de se esperar que isso acontecesse, porque 50% do material genético do embrião não pertence à mãe, mas ao pai. O corpo dela deveria rejeitar aquele “invasor”. Sabe por que isso não acontece? Porque a placenta funciona como uma barreira protetora, impedindo que os anticorpos da mãe destruam o embrião. Mas, e se algum anticorpo materno conseguir penetrar a barreira placentária? Nesse caso, um anticorpo do sistema de defesa do bebê em formação desativará o anticorpo da mãe. Não é incrível? Como os primeiros seres sexualmente gerados puderam sobreviver

sem a placenta e o sistema de defesa? Essas coisas tinham que funcionar bem desde a primeira vez, senão você não estaria aqui lendo este diário.

Esses são apenas alguns exemplos, mas existem muitos outros que apontam para uma inteligência por trás das coisas criadas.

Meu pai me disse que Darwin não poderia ter visto esses exemplos de complexidade irreduzível, pois a bioquímica e a biologia molecular ainda não tinham sido inventadas. Nem microscópio adequado ele tinha. Além disso, Darwin não quis ver que as evidências de adaptação e as modificações limitadas nunca levariam à macroevolução, a não ser com um grande exercício de imaginação. E ele deixou de ver outra coisa: que a vida revela um *design* inteligente.

Visitar a Estação Científica Charles Darwin foi muito instrutivo, e pude entender várias coisas, graças às explicações do meu pai "cientista", em comparação com os conteúdos contidos em cartazes e placas no local. Antes de adotar qualquer ponto de vista, é importante comparar as ideias – verificar se seus óculos conceituais estão bem ajustados e se são apropriados para fazer com que você enxergue o mundo do jeito certo. O verdadeiro conhecimento nasce dessas comparações, não dos conteúdos prontos e impostos.

Na volta para o hotel, recebi uma mensagem da Helena. Ela estava me esperando para conhecer o Leo. E agora? Eu deveria contar a ela que ele é um leão-marinho? Decidi manter o suspense.



Encontrei-a no *hall* do hotel e fomos em direção ao cais. Com a ajuda dela, vasculhamos cada canto do local.

– Que tipo de amigo é esse que poderia estar embaixo de árvores, em meio às pedras e até dentro d’água?

– Se o encontrarmos, você vai descobrir, Helena.

Esgotadas as possibilidades no cais, fomos até a peixaria. Apesar de eu estar preocupado com o Leo, participar dessa busca com a Helena estava sendo muito legal! Ainda mais pelo fato de que foi ela quem me convidou.

Procuramos pelas escadas e passarelas de madeira e descemos até a praia. Tirei meus tênis, e Helena fez o mesmo com as sandálias dela. Havia rochas semienterradas na areia e vários barcos de pesca ancorados. Era um cenário bem bonito. Enquanto procurávamos pelo Leo, Helena me perguntou:

– Você ainda não me disse por que acredita que a Bíblia é um livro confiável.

– Tudo bem, vamos lá. É bom dizer que o pano de fundo histórico da Bíblia está bem comprovado por descobertas arqueológicas. Vários personagens, costumes e lugares foram confirmados por achados históricos.

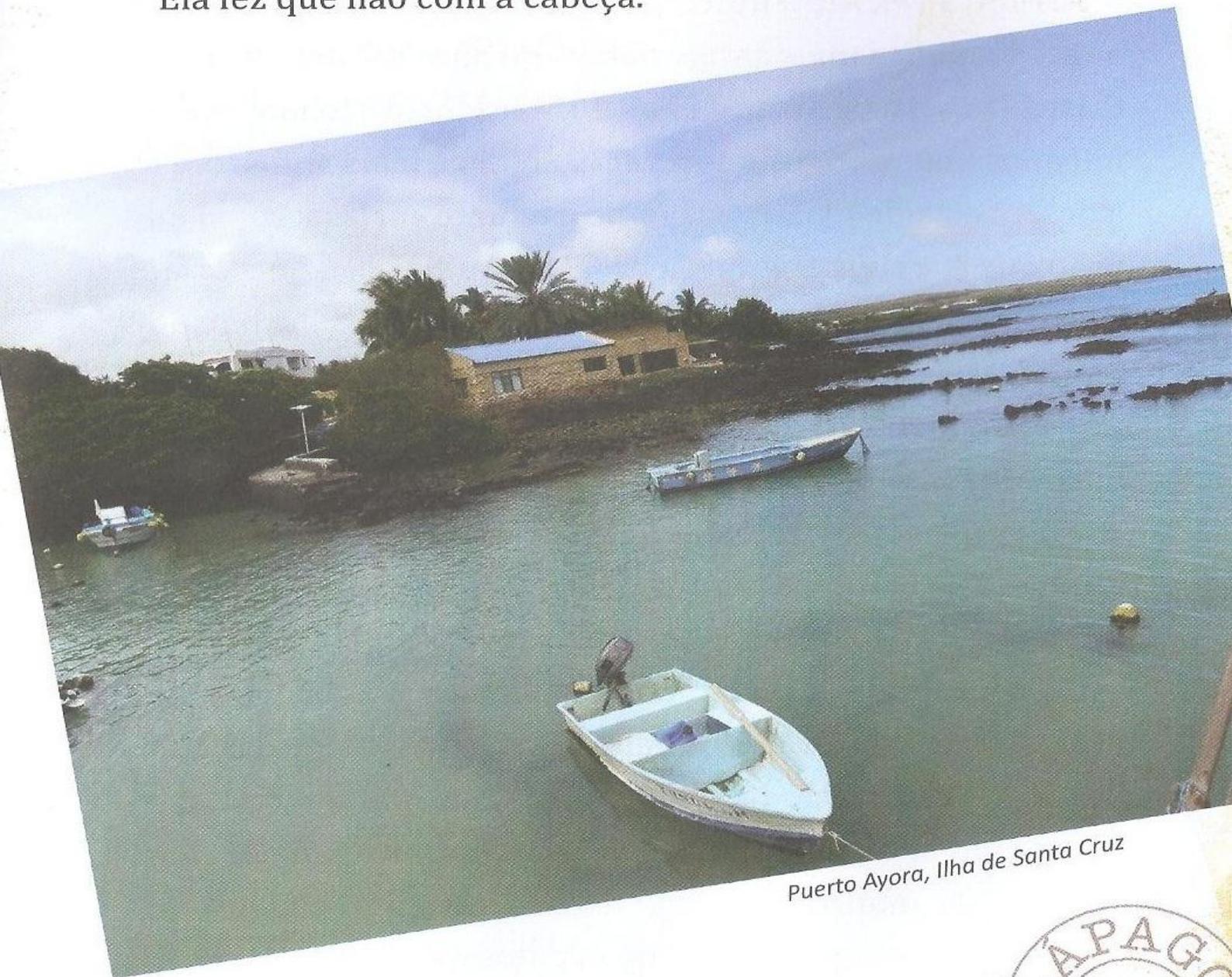
Há evidências das famosas pragas do Egito, do reinado de Salomão, da rainha Jezabel, da sinagoga onde Jesus esteve, do Tanque de Siloé, onde Jesus curou um cego, e um *loooooongo etcétera*.

– Ok, os eventos originais podem até ter acontecido, mas a Bíblia foi copiada por muitas pessoas ao longo dos séculos. Será que a mensagem dela não foi alterada?

Charles Darwin

O sol começava a se esconder, dando ao ambiente uma coloração em tons pastel, muito agradável e aconchegante. Então me dei conta da situação: eu estava em uma ilha de Galápagos, caminhando na areia e conversando sobre a Bíblia com uma linda garota norte-americana. Que oportunidade Deus estava me dando! Que momento especial! Respirei fundo e continuei:

– Você já ouviu falar nos Manuscritos do Mar Morto?
Ela fez que não com a cabeça.



Puerto Ayora, Ilha de Santa Cruz





EXPEDIÇÃO GALÁPAGOS

– São pergaminhos encontrados na década de 1940, em jarros de barro que estavam em cavernas na região do Mar Morto. Havia ali textos bíblicos datados em até 250 anos antes de Cristo.

– Mas o que isso tem a ver com a minha pergunta? – ela indagou, sentando-se em uma pedra perto da água, de modo que as pequenas ondas podiam alcançar seus pés. Eu me sentei ao lado dela e prossegui:

– Tudo a ver. Até a descoberta desses manuscritos, a versão bíblica mais antiga datava do ano 900 depois de Cristo. Ou seja, os Manuscritos do Mar Morto são mais de mil anos mais antigos que a versão bíblica mais antiga até a descoberta deles. Se você fosse bastante curiosa, como eu acho que é, e soubesse ler hebraico e aramaico, o que faria?

– Iria comparar as duas versões para ver se tinha havido modificações ao longo dos séculos.

– Exatamente! E foi isso o que os estudiosos fizeram. Você consegue imaginar qual foi a conclusão?

– Bem, considerando que a Bíblia ainda é vendida e estudada em todo o mundo, imagino que ficou provado que a mensagem dela não foi adulterada.

– Eu não poderia responder de maneira melhor. Mas tem mais: as profecias detalhadamente cumpridas da Bíblia são outro argumento em favor dela. No livro de Daniel, por exemplo, há a descrição dos impérios que dominariam o mundo, muitos séculos antes de eles aparecerem. Jesus anunciou em Seu tempo eventos que marcariam a

proximidade de Sua segunda vinda e que estão acontecendo exatamente agora.

Minha intenção era falar mais sobre a volta de Jesus, mas fui interrompido por um barulho parecido com gemidos de cachorro, bem baixinho, atrás de um arbusto próximo de onde estávamos. Rapidamente nos levantamos e fomos até ali. Puxei os galhos para o lado e exclamei:

– Leo!

Helena arregalou os olhos.

– Então o Leo é um leão-marinho?

Depois riu alto e emendou:

– Ou melhor, uma leoa.

De fato, quem estava gemendo baixinho era um lindo filhotinho aconchegado ao corpo da mãe. Sim, Leo era uma fêmea e, agora, mãe. Por isso estava tão barriguda quando a vi nas outras vezes.

– Helena, eu quis lhe fazer uma surpresa, mas, na verdade, quem me fez uma foi o Leo, digo, a... Leia.

Ficamos ali pertinho, agachados, contemplando a linda cena da mãe cuidando do filhinho.

– Sabe, Helena, o Deus em quem eu creio é exatamente assim: amoroso, carinhoso e protetor. Mesmo que a gente passe por lutas e dificuldades, tenho certeza de que Ele faz como a Leia: cuida e quer o bem de seu filhinho.

Nós nos despedimos da Leia e de seu bebê, e levei Helena até a pousada em que ela estava hospedada com os pais. Desejei-lhe boa-noite e voltei para o hotel. Na manhã



EXPEDIÇÃO GALÁPAGOS

seguinte, embarcaríamos para países diferentes. Aquele havia sido outro dia perfeito em Galápagos. Um dia para nunca mais esquecer!

De volta ao hotel, contei tudo para meu pai, que ficou superfeliz em ver que meus “óculos” haviam funcionado bem. Começamos a arrumar as malas, tomamos banho, fizemos um culto agradecendo a Deus a oportunidade de conhecer aquele paraíso e fomos dormir.

Antes de pegar no sono, um pensamento me ocorreu: “Vim à ‘terra de Darwin’ e tudo o que vi foram as digitais do Criador.”



DIA
6

ADEUS,
GALÁPAGOS!





EXPEDIÇÃO GALÁPAGOS

Acordei sentindo um misto de saudade de casa e saudade daquele paraíso que deixaríamos para trás. Ok, tenho que admitir: a maior tristeza vinha da realidade de que talvez nunca mais fosse ver a Helena.

Comemos, terminamos de arrumar as malas e pegamos o táxi que nos levou até o canal que separa as ilhas de Santa Cruz e Baltra. Viajamos de barco, ônibus e chegamos ao aeroporto. Ali vi quantos *souvenirs*, como camisetas, bonés e *bottons*, trazem o rosto de Darwin, um tipo de “Che Guevara do evolucionismo”, outra figura que virou símbolo de ideologias e ícone comercial. Perguntei a quase todos os vendedores se acreditavam na teoria da evolução. Curiosamente, eles me responderam que não...

Quando estávamos na fila do *check in*, encontramos a família de americanos. Helena estava linda, usando um boné branco com a palavra “Galápagos” bordada e uma camisa azul com botões de madeira e pinturas com os animais típicos do arquipélago. Ela abriu o zíper da mochila e me surpreendeu com um presente: um leão-marinho entalhado em madeira. Agradei meio sem jeito e peguei do bolso do meu colete de expedicionário a tartaruga de pelúcia. Entreguei para ela, que abriu um lindo sorriso, abraçando o bichinho junto ao peito e me dando um beijo no rosto, em seguida. Aí não teve jeito: fiquei vermelho na hora.

A última chamada para o embarque foi feita. Os americanos iriam no próximo voo, e nós tínhamos que embarcar naquele momento. Helena e eu prometemos escrever um para o outro.

Adeus, Galápagos!

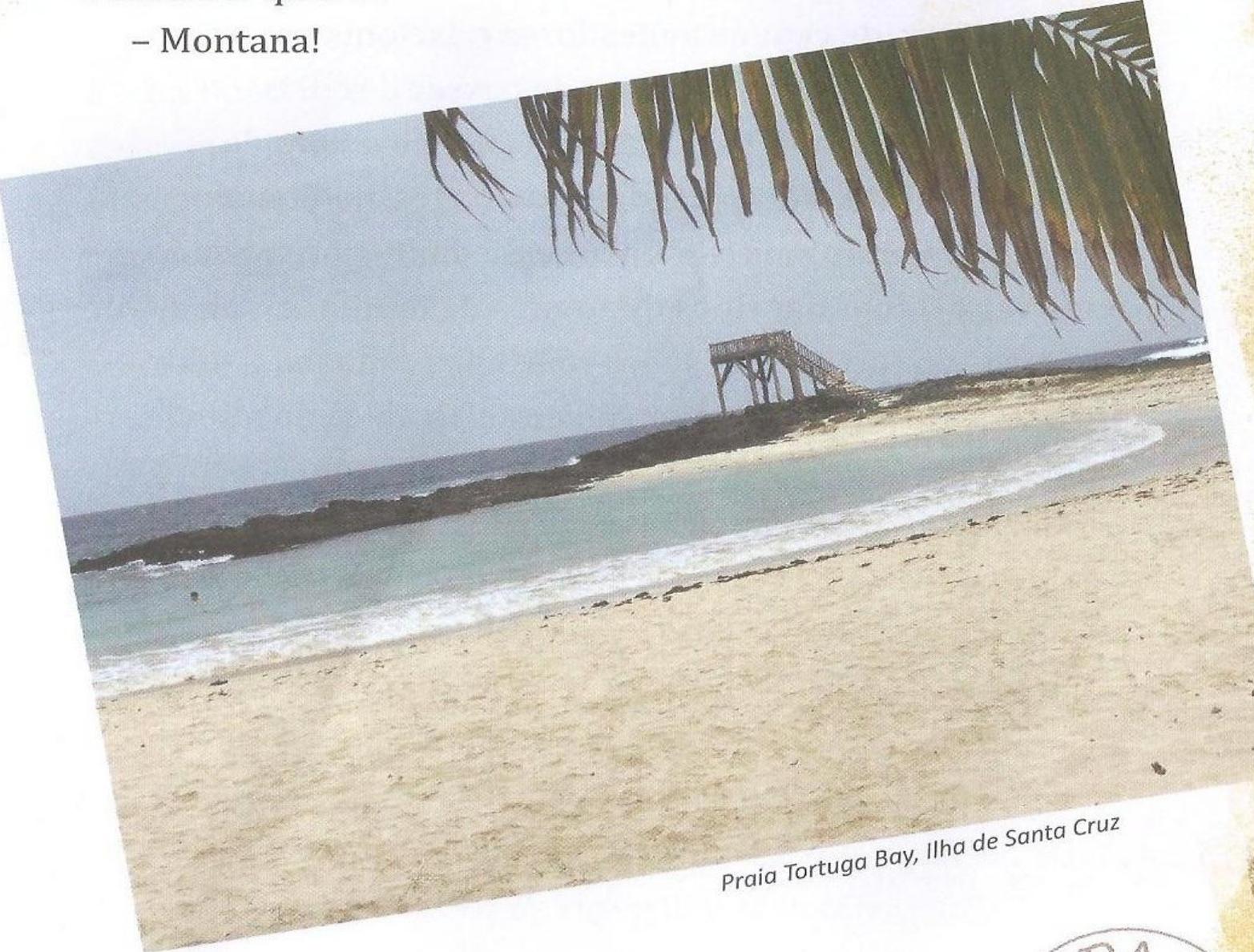
O avião decolou deixando para trás aquelas ilhas fantásticas e uma menina que cativou meu coração.

Ainda olhando pela janela as ilhas que se afastavam enquanto a aeronave ganhava altura, sem tirar os olhos das nuvens, perguntei a meu pai:

– Pai, vamos fazer outra viagem juntos qualquer dia desses?

– Claro, filho! Você é um ótimo companheiro de expedições. Para onde quer ir?

– Montana!



Praia Tortuga Bay, Ilha de Santa Cruz



UM LIVRO ESCRITO A 11 MIL METROS DE ALTURA

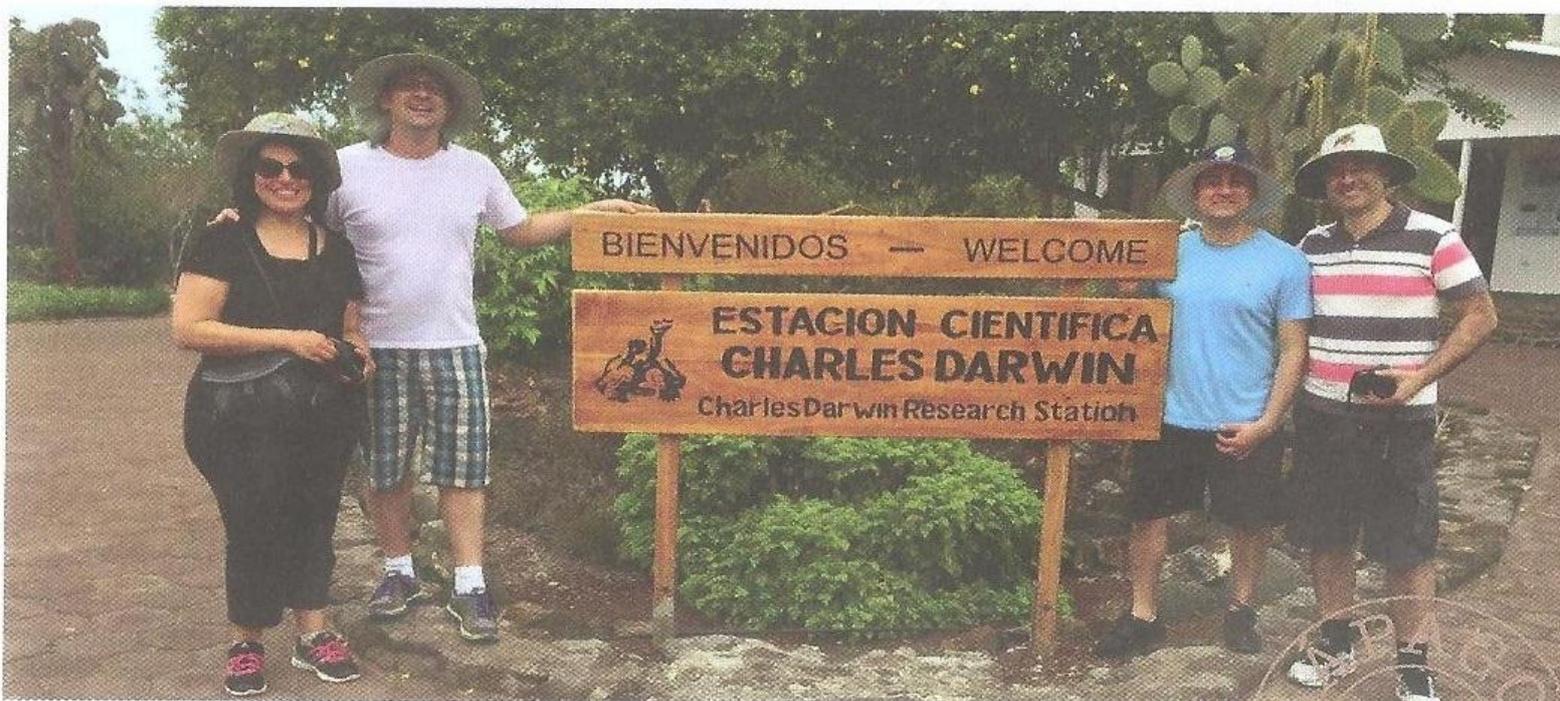
Em julho de 2016, juntamente com um grupo de cerca de cem pesquisadores criacionistas sul-americanos, tive o privilégio de passar dez dias realizando filmagens e estudando a fauna e a flora de algumas ilhas do arquipélago de Galápagos, no Equador. Foram momentos muito intensos e de muito aprendizado. Pude ver e fotografar tipos diferentes de tentilhões, observar de perto – muito perto! – leões-marinhos e iguanas, subir até o topo da segunda maior caldeira vulcânica do mundo e mergulhar entre cardumes de peixes multicoloridos, pequenos tubarões e enormes tartarugas. Posso dizer que estive na “terra de Darwin” e vi as digitais do Criador ali.

Portanto, tudo o que você leu neste livro é resultado de minhas observações e experiências *in loco*. As emoções vividas ali foram tão intensas que, mesmo tremendamente cansado, podendo tirar uma soneca na viagem de mais de dez horas de Baltra a Guayaquil, com escala em Santiago e chegada a São Paulo, não consegui pegar no sono. Minha mente passeava pelas ilhas e lembrava as muitas coisas

Um livro escrito a 11 mil metros de altura

que vi. Até que, de repente, uma história “explodiu” em meu cérebro! Veio tudo assim mesmo, como uma explosão de ideias! Imediatamente peguei meu bloco de anotações, especialmente comprado para essa viagem, e comecei a escrever, escrever, escrever. Por quase oito horas sem parar! Pouco antes de pousar em São Paulo, o livro estava pronto, manuscrito a 11 mil metros de altitude sobre o Oceano Pacífico. Alguns personagens foram inspirados em pessoas reais, e o Leo foi acrescentado mais tarde – ideia da minha esposa.

Agradeço especialmente a Deus, pela bênção da vida, à Casa Publicadora Brasileira, por todo o apoio nessa pesquisa, aos meus amigos de viagem, também pesquisadores da CPB, Doris Lima, Rérisson Vasques, David Bernardes (os três na foto abaixo) e Nadia Teixeira, e à equipe da TV Novo Tempo, que nos acompanhou, fez as filmagens e compartilhou momentos muito felizes: Marcela Calderón, Rebbeca Ricarte e Aduino de Paula Santos.

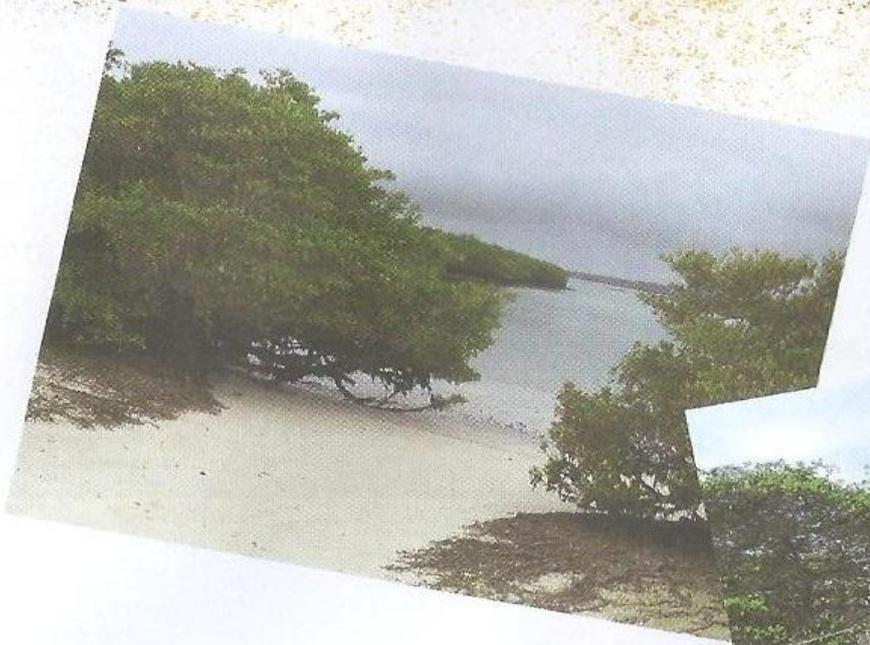


Pesquisadores da CPB visitam a Estação Científica Charles Darwin.

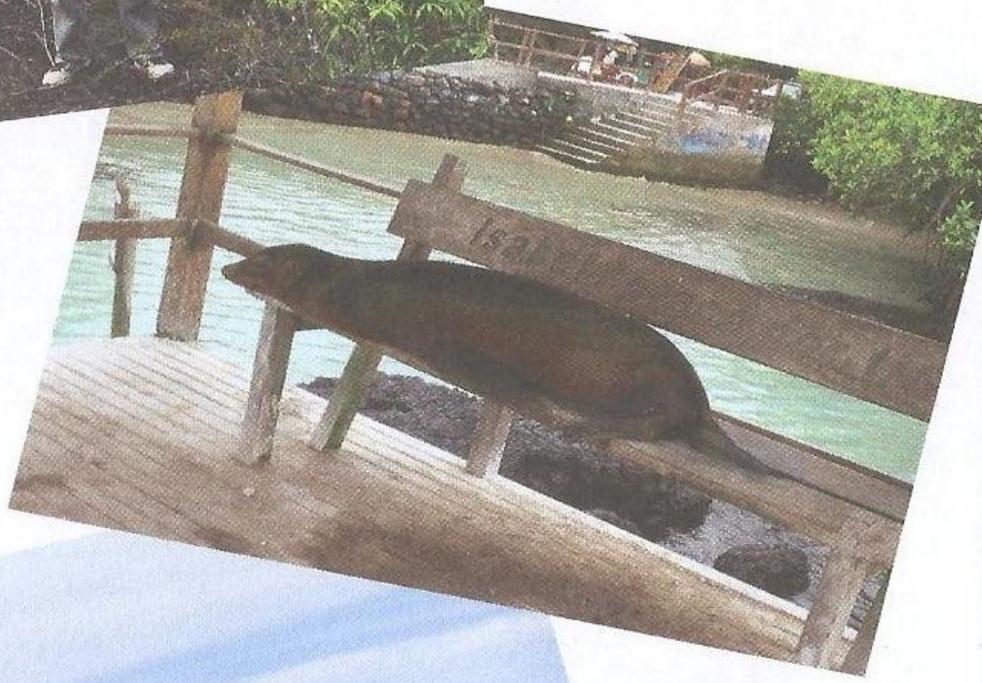
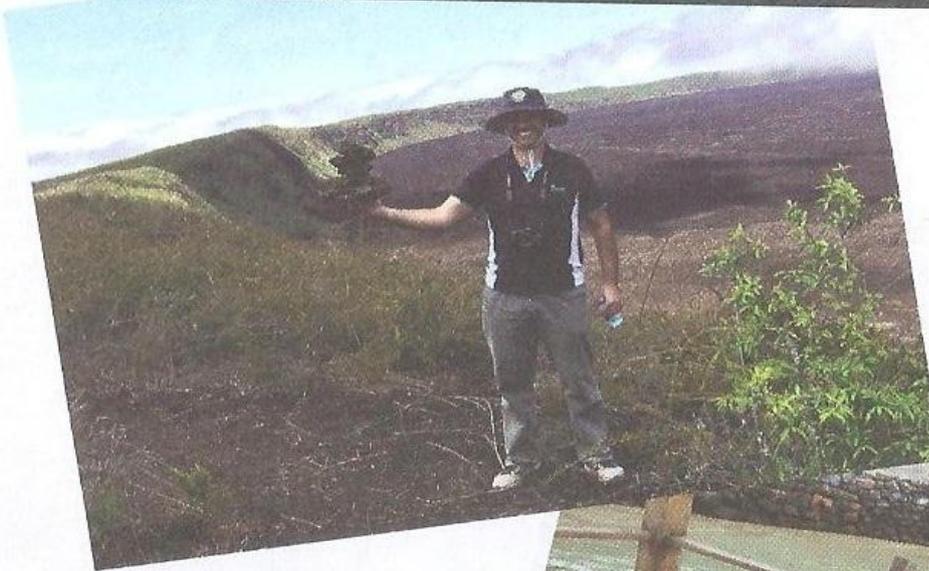




Digite este link em seu navegador e assista a um pequeno documentário da Expedição Galápagos: <https://goo.gl/rmdEdT>

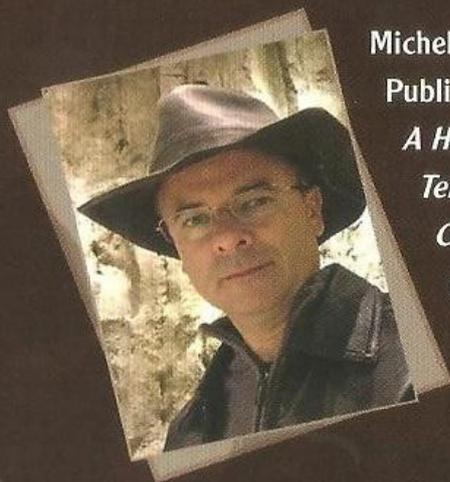


Digite este link em seu navegador e assista a uma palestra do autor, apresentada em Galápagos: <https://goo.gl/i9wxs5>





que pode acontecer quando um adolescente viaja com o pai até o arquipélago de Galápagos, conhece o “amor de sua vida”, faz amizade com um leão-marinho e visita lugares incríveis como a borda de um vulcão, uma ilha repleta de aves exóticas, uma caverna de lava solidificada e mergulha com tartarugas e tubarões? É só abrir este livro, começar a ler e você vai descobrir!



Michelson Borges é jornalista, mestre em teologia e editor na Casa Publicadora Brasileira. Como autor, destacam-se seus livros *A História da Vida*, *Por Que Creio*, *Nos Bastidores da Mídia*, *Terra de Gigantes* e as séries *Que Bicho é?* e *Grandes Impérios e Civilizações*. Tem feito palestras criacionistas por todo o Brasil e fora do país. Casado com Débora Tatiane, tem três filhos: Giovanna, Marcella e Mikhael.



Adolescentes